

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

IMAGENS, TRAJETOS E AFETOS... UMA CARTOGRAFIA FÍLMICA DE CRIANÇAS PARA DESPEDAGOGIZAR A PROFESSORA

Vanessa Lima da Silva
Universidade Estadual de Campinas
Prefeitura Municipal de Campinas
vanessa.lima@educa.campinas.sp.gov.br

Resumo:

Este trabalho é uma filmo-cartografia para pesquisar, em corpo-câmera, o brincar de crianças pequenininhas em um Centro de Educação Infantil da cidade de Campinas/SP. Atravessada pela filosofia de Deleuze, Guattari, Rancière, Schérer, Foucault, entre outros, e com as lentes do cinema: filmo-cartografar para, com as imagens (sempre devir), os afetos e a escrita (sempre inacabada) dissertar sobre a experiência do meio, ou sobre o meio da experiência, ou ainda, sobre um devir-criança na de-formação ou trans-(de)-formação da professora; sobre uma pedagogia da tutela sendo perturbada pela criança que rompe, que excede, que, como poeta, delira o verbo, que, como filósofa, brinca o pensamento com perguntas, enigmando a vida. Filmo-cartografar para delirar o verbo ver: ao invés de ver para controlar, moldar, disciplinar, ver para relacionar-se com as crianças como se fossem obras de arte; filmo-cartografar para inventar pedagogias outras com o Cinema como dispositivo estético-político de infância.

Palavras-chave: Criança, Infância, Educação Infantil, Filosofia da Infância, Cinema.

DO MEIO

Ou a Intro-(con)dução

Cartografar é acompanhar um processo (Passos, Kastrup e Escóssia, 2015). Acompanhar os fios que tecem o meio. Acompanhar e também tecer com, com-fiar. **Confiar nas pistas que o cartografar evidencia, seguindo a intuição:** “a intuição, em Deleuze, é um trabalho de pensamento que, articulando multiplicidades de conceitos, institui novos conceitos” (Gallo, 2017, p. 33). Em meu **roteiro de preocupações**, carrego no bolso as perguntas: **O fazer/pensar fílmico pode movimentar as práticas pedagógicas desta professora?** É possível ser professora das crianças sem conformá-las a uma educação formatada? O Cinema (a arte) na escola pode tensionar pensamentos outros sobre o olhar? O fazer das imagens pode nos ajudar a ver a infância? As imagens podem pensar a pedagogia? **Pode o Cinema atuar como dispositivo estético-político de infância nas escolas (e no mundo)?**

Docência co-movida



<https://youtu.be/7Y8RUzajwYA>

A filmagem foi feita com um celular antigo, que não era smartphone, sem cortes, quase sem edição (a música trilha é a exceção). Eu era professora recém-chegada e tateava a docência com muita ansiedade para compreender o meu papel na vida das crianças. Comecei a filmar para registrar o uso que elas faziam dos cavalos de plástico, transgredindo o “jeito certo” de brincar. Mas a cena foi muito mais além! Impactou-me a ponto de desencadear o tema do meu TCC: “Invenções e transgressões poéticas de crianças pequenininhas na creche”, escrito em 2014.

Ainda hoje esse filme me toca e, tanto tempo depois, percebo **o ato de filmar como um dispositivo agenciador de muitos pensamentos**. Para além de filmar, assistir e re-assistir esse filme me desloca. A relação com essas imagens não se esgota. César Leite (2011) cunhou o termo corpo-câmera em sua pesquisa sobre crianças e cinema. Quando contatei esse termo lembrei-me desse filme com os cavalos, entendi-me como um corpo-câmera extensão de uma intuição e um corpo que assiste ao filme como corpo-lugar de afetação das imagens.

Meu corpo-câmera, que encontra e segue as crianças em seus percursos, e meu corpo-lugar-afetação das imagens que encontra o filme vibram o pensamento em perguntas: quais são os trajetos que as crianças percorrem nessas imagens? Quais os afetos trazidos por esses trajetos? Por que isso me afeta? Nesse filme as crianças me mostraram não apenas uma (ou mais de uma) maneira diferente de brincar com os cavalos de plástico. **Nesse filme as crianças levam-me para passear; levaram-me e sempre que re-assisto, levam-me para fora**. Fora do jeito esperado para brincar com os cavalos, fora do pátio onde estavam brincando inicialmente, e em seguida para fora da própria escola, ao usar o cavalo de plástico como ferramenta para se aproximarem mais do cavalo de verdade, que estava no terreno ao

lado, fora da escola: “A *infância é a arte de se manter sempre fora de alcance, de confundir a lógica adulta pela rapidez de seus deslocamentos.*” (Amaral, 2016, p. 147, grifo meu).

Esse filme tem um retrogosto, pois depois de assisti-lo fica em mim um gosto residual que perdura. **Esse sabor que permanece mesmo depois de assistir é o que me faz considerar o cinema e o ato de filmar como um dispositivo agenciador.** Em cada interação com as filmagens e filmes que faço das crianças, surge uma outra relação com elas, outros pensares sobre as infâncias que ali insistem. Esse filme em específico traz, ao menos, dois **acontecimentos**, no sentido deleuziano da palavra acontecimento: o encontro das crianças em corpo-cavalo com o cavalo real, e o meu encontro corpo-câmera com as crianças em corpo-cavalo desejanter de um cavalo real, lá fora. Ouso, ainda, confiar que o filme torna-se um outro (e terceiro) acontecimento, pois sem saber o que filmava, **filmei o desejo das crianças de chegar lá fora**; o filme é acontecimento pois, materialmente, trata-se do meu encontro com os corpos desejanter das crianças... Mas o filme é também poder encontrar-se, virtualmente, com esse desejo de novo e de novo... **Este filme é encontro que possibilita encontros outros.**

Construo sentidos para o desejo de fora das crianças até hoje. **Esta reflexão pretende manifestar também essa potência estética das imagens que permanece.** Em suas pesquisas e trabalhos com o cinema, Migliorin usa o conceito de dispositivo como “*estratégia narrativa capaz de produzir acontecimento na imagem e no mundo.*” (Migliorin, 2005, p. 1). Para ele, nas experimentações imagéticas, o dispositivo produz uma ativação do real: “*Podemos falar de um presente absoluto quando o dispositivo está em ação.*” (Migliorin, 2005, p. 3). Como estratégia narrativa, segundo os estudos desse autor, o dispositivo, algo a ser inventado para agenciar imagem, cria um real, ativa esse real, as imagens são o mundo e atuam no mundo ao mesmo tempo. Por exemplo, no filme “Sobre crianças e cavalos”, a gravação em plano sequência (quando não há interrupções na gravação, quando não há cortes) poderia ser considerada um dispositivo de filmagem. Através do dispositivo “plano sequência” (gravar sem cortes), segui as crianças filmando ininterruptamente e algo aconteceu; aconteceu na imagem, na escola, e até hoje acontece na professora e, portanto, no mundo.

As possibilidades e multiplicidades de sentidos disparadas por esse filme provocam-me a considerar o próprio cinema como dispositivo e não apenas a estratégia usada para criação das imagens. Muito além de estratégias narrativas, o cinema como dispositivo pode ativar as infâncias da e na escola. Ativar as sensações e percepções de infâncias no mundo. **O Cinema pode agir como dispositivo estético-político de infância:** pode trazer visibilidades às infâncias que insistem nas escolas e também fazer durar, na relação inesgotável com a produção e assistência das imagens, a inteligência criadora das crianças corpo-cavalo desejanter de um fora. **Usando o Cinema como dispositivo estético-político de infância seria possível ensinar a ver (e fazer durar) a infância do fora insistindo dentro da escola?**



<https://youtu.be/uXMpwKtf32Q>

Filmei inicialmente pensando nos sons, mas depois entendi que filmei muito mais do que os sons. **Capturei a alegria das crianças em “errar”¹**! “Errar” nas tentativas de subir o barranco. “Errar” pode, então, ser engraçado (!), pois as crianças gostam de tentar subir e não conseguir, já que não conseguir subir **provoca o erro-escorregão divertido!**

Filmei a Marina² em seu momento de solitude balançada. Parece-me que, para a Marina, estar no balanço com os olhos fechados é **balançar para dentro**. Como eu me balanço para dentro quando vou ao cinema sozinha, por exemplo. É estar consigo, cuidar-se, devolver-se, um cuidado de **si**.

Em uma das cenas de seu balançar, Marina havia declinado da proposta dita pedagógica para aquele dia. A turma toda estava pintando com aquarela no gramado, mas a Marina preferiu ir balançar, e eu, **capturada pela inteireza balançada** de Marina, fui filmá-la: *“A imagem não é só trajeto, mas devir [...] É o devir que faz do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir.”* (Deleuze, 2011, p. 87-88, grifos meus).

Gravei o Igor e o Breno aventurando-se no balanço de pneu. Os dois combinam de um ficar sentado no balanço-pneu, enquanto o outro, de fora, gira o balanço com o corpo do amigo e depois de girar tudo, solta, **experimentando-se no desgirar³**!

Quando comecei a fazer filmagens das crianças, achei que fosse aprender a fazer registros. Mas acabei fazendo filmes que atravessam a professora que sou! Observar as crianças atentamente, com a câmera de filmar nas mãos, tem dinamizado o que, para mim, estava dado a ver. Inspirada nas experimentações cinematográficas vividas junto ao Programa de Cinema e Educação da Rede em que trabalho e sugestionada pelas experimentações brincantes das crianças, comecei a brincar de filmar. **Devir-criança no cinema**, que é arte, que é conhecimento. Conhecimento que **me transforma como espectadora e como professora**: *“Na escola, os filmes são parte do conhecimento que se produz, mas é o devir infantil que atravessa as imagens e as torna irredutíveis ao mundo adulto, ao que é a escola.”* (Migliorin e Pipano, 2019, p. 65, grifos meus). Foi assim que a câmera desceu ao chão, agigantando as crianças no quadro, como jamais o meu próprio corpo conseguiria; foi parar atrás da grama, embaixo do balanço, numa das pontas do corrimão, espiou atrás da cortina. Nesse embalo, sigo brincando de filmar as crianças com-pondo brincadeiras, conhecimentos e vida.

As imagens têm sido agenciamento de uma pedagogia outra para mim (ou seria uma despedagogia?). Como disse Deleuze, as imagens ensinam a ver! **Filmar as crianças e/ou ver os filmes das crianças me faz ter outra relação com a infância na escola**. Ao invés de vê-las para controlá-las e com isso conduzir as suas condutas, sinto que **ver as crianças**

¹ “a errância constitui-se também num princípio político da educação: o mundo pode ser de outra maneira” (Kohan, 2019, p. 155).

² Em respeito à privacidade das crianças, os nomes utilizados neste texto são fictícios.

³ “Essa variedade de situações, com sempre possíveis encontros criadores proporcionados com o livre brincar, permite que a criança faça escolhas, muitas vezes inclusive acerca de alguns riscos a correr, minimizando-os, organizando-os e dialogando sobre eles, além de contribuir para reeducar os adultos para receber o novo, tratar com o imprevisível” (Campinas, 2022, p. 4).

brincando através da câmera, no ato de filmar e depois nas imagens dos filmes, me tira do lugar de “professora para tutelar” e me leva para a real-ação. Vejo as crianças e me relaciono com elas, como se estivesse me relacionando com uma obra de arte. Vejo as crianças enquanto as filmo e me deixo levar por elas nos trajetos externos, corpo-câmera; depois, e de novo, vejo as crianças nas imagens e me deixo levar por elas em trajetos internos.

Filmo-cartografar as crianças agenciou novos rearranjos de posições: como professora-cineasta-espectadora das crianças, crio espaço para compor na real-ação com elas. **Os filmes, por sua vez, com as crianças imensas nas cenas, fabricando alianças com o seu entorno, manifestando as suas inteligências, ativam e engajam uma escolha estético-política de infância** (Rancière, 2012).

Filmar as crianças brincando me tira do lugar de quem deve ensinar e me possibilita o lugar de quem experimenta ver. Ver para se relacionar. **Ver com a câmera é ver experimentando, tal qual a criança experimenta enquanto brinca. É sair do dever e entrar em devir...** Investir energia na montagem e edição dos filmes, compartilhá-los com as crianças e suas famílias, validá-los como documentação pedagógica, inscrevê-los nas mostras de Cinema e Educação, tomá-los como dados desta pesquisa é ampliar e variar a sua força. É costurar estética e política, inventar pedagogia com arte, é rizomar visibilidades outras de infância e de docência: *“Isso significa a palavra emancipação: o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham”* (Rancière, 2012, p. 23), entre os que ensinam e aprendem, entre o sábio e o ignorante, entre professora e crianças.

Para pensar o verbo **despedagogizar** recorro ao livro de Elton Luiz Leite de Souza, intitulado “Manoel de Barros – a poética do deslimite”. Nessa obra o autor sugere um encontro-acontecimento entre a poética de Manoel de Barros e os conceitos filosóficos de Deleuze. Na compreensão de Souza, Manoel de Barros inventa palavras outras ultrapassando os limites das palavras já existentes, criando *“Não só um novo sentido para as palavras: um novo sentido também para o mundo que agora, pela poesia, se transvê.”* (2010, p. 71). Souza entende que para Manoel de Barros o prefixo “des” age, ele tem uma ação, ele não nega-ação. Ao invés de não agir, ao invés de não fazer ele **transfaz**: *“‘Des’ é uma ação de transfazer as coisas, retirando delas as utilidades”* (2010, p. 71). O poeta que transfaz e transvê sabia exercitar-se criança, brincava com as palavras para que a poesia fosse desimportante e servisse para nada: *“O ‘des’ é a força que subverte o sentido habitual das coisas. Ele não é forma, ele é processo”* (Souza, 2010, p. 73).

Seguindo essa linha de fuga, proponho tensionar o significado da palavra pedagogia adicionando o prefixo ‘des’. Ao invés de “conduzir a criança” o verbo **despedagogizar** pode ser compreendido como o processo de não-condução. Quando há condução há um ponto de partida e um ponto de chegada. Na não condução há apenas caminho, caminhada, passeio, viagem que nunca acaba. O ‘des’ não nega, ele age. Não é sobre negar a condução às crianças, mas sobre deixar-nos compor com elas os trajetos, num encontro de co-moção. Filmar as crianças mudou a minha posição de condutora para espectadora, mas uma espectadora que age e compõe junto: campo/extra-campo. Relacionar-me com as imagens das crianças me despedagogiza, transfaz a educação infantil em infância da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPINAS, Prefeitura Municipal. **Ensaio sobre o brincar**. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico. Organização: Núcleo de Currículo da Educação Infantil. Campinas, SP, 2022b. Disponível em: <https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2022-08/Brincar%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20%20revisado.docx%20%281%29.pdf>

CAMPINAS, Prefeitura Municipal. **Entre telas [recurso eletrônico]: cinemas nas escolas**. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação ; Programa Cinema e Educação. – Campinas, SP: Prefeitura Municipal de Campinas-SP, 2021. Disponível em: https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2022-05/Entre-Telas_Cinema.pdf

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **O que é ato de criação**. Conferência filmada, pronunciada na FEMIS *Fondation Européenne pour les Métiers de l'Image et du So*. França, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição).

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GALLO, Silvio. Educação infantil: do dispositivo pedagógico ao "ir junto" com as crianças. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. (org.). **Infância e Pós-Estruturalismo**. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João, 2019, p. 113-130.

LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MIGLIORIN, Cezar e PIPANO, Isaac. **Cinema de brincar**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MIGLIORIN, Cezar. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. In: **ANAIS DO 14º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2005, Niterói. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá,

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

2005. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2005/trabalhos/o-dispositivo-como-estrategia-narrativa?lang=pt-br>> Acesso em: 11 Jul. 2024.

OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. A floresta não (a)parece selvagem por todos os lados: encontros inumanos no cinema em escolas infantis. **ClimaCom – Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, jun. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wenceslao-jr-florestas/>

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Localizar(-se) (n)o entorno: entre o agir para nada e o projeto pensado. **Trajeto Errático**, n. 1, p. 127, jan, 2021. Disponível em: Disponível em: <http://cidadaniaporimagem.uff.br/erratico>. Acesso em: 07/11/2023.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. (v.2)

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetinada**. N-1 Edições, 2019.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. **Manoel de Barros: a poética do deslimite**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

VASCONCELOS, Jorge. **Deleuze e o Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.